

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	9
1. Revisitando os mitos	13
2. Lilith: a Lua Negra.....	36
3. Eva e a serpente	51
4. A fala das mulheres	69
<i>Conclusão</i>	127
<i>Bibliografia</i>	131

PREFÁCIO

Muito se tem falado sobre a complexa questão do papel que as mulheres vêm desempenhando no mundo contemporâneo. Comportamentos aparentemente modernos, opiniões afirmativas e até agressivas das mulheres de hoje muitas vezes são apenas uma fachada atrás da qual escondem medos, inseguranças e fragilidades milenares, decorrentes de séculos de repressão. Não é incomum vermos mulheres inteligentes e bem-sucedidas serem destruídas por casamentos abusivos, em que o desrespeito do marido expressa acima de tudo inveja da posição alcançada pela esposa – por vezes superior à sua. Casamentos assim, com frequência, afundam sobre o peso da traição ou dos maus-tratos; o homem tenta igualar por baixo as diferenças, as quais em geral o perturbam por estar acostumado a ter o domínio da casa e dos aspectos financeiros da família. Mulheres amarguradas embrenham-se na solidão a fim de evitar novos desapontamentos, mas o sentimento de “culpa” jogado pelo ex invade sua alma e as faz sentir que seu sucesso profissional pode ter sido a causa do “insucesso” matrimonial. Até mesmo culpam-se de ter sido inteligentes e perspicazes nos argumentos – quem sabe se fossem mais “burras”, mais “delicadas” e “frágeis” não estariam ainda casadas? Ou, se solteiras, será que não teriam espantado o favorito com suas medalhas escolares?

São essas questões fundamentais que Valéria Fabrizi Pires explora neste livro, com profundidade e numa linguagem clara e acessível. Tendo por referência o estudo dos mitos e o desenvolvimento

da consciência coletiva, a autora baseia-se em duas personagens arquetípicas para sua análise: Lilith e Eva.

O estudo dos mitos fornece, como aqui veremos, um referencial que extrapola o tempo e o espaço, revelando planos de desenvolvimento da consciência coletiva ao longo da história. Sob novas roupagens, repetimos padrões e comportamentos milenares sem nos dar conta. Pensamos ser modernos, porém somente uma nova estampa nos separa de nossos ancestrais quando se trata – principalmente – do relacionamento entre os gêneros.

Valéria, com maestria e didática, revela quanto ainda somos Eva à procura de Lilith, ou melhor, quanto ainda falta para a mulher desenvolver a auto-estima e uma visão mais clara de si mesma, sem submeter-se a comparações com padrões masculinos que violentam sua essência e distorcem seu caráter original.

Uma pesquisa empírica confirma e reforça suas hipóteses – de que a mulher atual, embora pense de forma moderna, no mundo íntimo ainda repete antigos comportamentos de obediência a códigos patriarcais que limitam seu desenvolvimento e suas possibilidades criativas.

Daí a importância deste livro: ele permite uma visão crítica e instrutiva sobre a relação de gêneros, possibilitando que identifiquemos nossas repetições e, com isso, nos libertemos sem medo da repressão patriarcal que tanto prejuízo tem causado ao desenvolvimento saudável da humanidade. Uma cultura de respeito e de valorização das diferenças certamente será uma cultura de paz e harmonia.

PROFA. DRA. DENISE GIMENEZ RAMOS

Psicóloga clínica; doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); professora, orientadora e coordenadora da pós-graduação em Psicologia Clínica Junguiana da PUC-SP; professora e orientadora da pós-graduação em Ciências da Religião da PUC-SP.

INTRODUÇÃO

Desde épocas remotas, os homens têm manipulado as mulheres para resolver seus problemas políticos, econômicos, sociais e emocionais. A elas muito tem sido negado ou proibido. Essa repressão foi oportuna para que a situação de domínio se mantivesse imutável. Como vivemos numa sociedade patriarcal, ela ainda é conveniente.

O texto seminal da cultura patriarcal pertence à sociedade do Ocidente e está no livro do Gênesis, no qual encontramos a primeira transgressão feita por uma mulher: Eva. Com base nessa personagem mítica, as mulheres são associadas a perigos e à degradação da carne, projetando-se nelas toda impureza.

Eva é a encarnação da sedução sensual, a razão da ruína do ser humano, pois foi tentada por forças demoníacas e, por sua vez, tentou o homem. Essa força negativa tem Lilith como representante, pois na tradição rabínica ela foi a primeira mulher de Adão, criada do mesmo pó que ele, mas tornou-se um ser demoníaco ao romper com o Pai.

Na tradição judaico-cristã sempre houve uma clara divisão do que era atribuído ao homem e à mulher. Essa visão vem sendo reforçada há mais de dois mil anos e relaciona o princípio feminino com a natureza, a passividade, a receptividade, a geração de vida, a materialidade, a escuridão e a emotividade. Já o princípio masculino está ligado à atividade, à razão e à luz.

Atualmente, exige-se das mulheres que tenham comportamentos tradicionais e, ao mesmo tempo, que se adaptem ao cotidiano e

à realidade moderna, em que devem desempenhar uma gama maior de tarefas. Elas devem manter suas antigas atribuições e desempenhar novas tarefas, o que as obriga a viver uma situação de ambigüidade. Sem os velhos padrões conhecidos e seguros, emergem nelas sentimentos permanentes de inadequação e marginalização. A crise dos modelos sociais dificulta a construção de uma identidade mais unificadora, o que gera desordem e medo.

Portanto, vivemos em uma época de transformações intensas, em que nascer mulher já não significa ter um caminho claro definido de identidade sexual. Mesmo assim, as mulheres não se desvinculam dos valores tradicionais que limitam os papéis sexuais. Para que sejam respeitadas, elas devem seguir o padrão adulto universal, produzindo, pensando, agindo e trabalhando autonomamente como os homens. Para ser amadas, devem assumir atitudes tidas como femininas, ou seja, ser frágeis, dependentes, emotivas, amorosas e inconstantes – uma exigência social dúbia e contraditória.

A maioria das mulheres ainda se identifica com algum tipo de código facilmente confundido com as polaridades do modelo tradicional de adaptação: Eva ou Lilith. A figura mítica de Eva é aceita como modelo social a ser seguido. Portanto, a mulher deve reprimir o modelo Lilith ou rejeitá-lo. Eva representa submissão, dependência, culpa, curiosidade, fraqueza, inferioridade, emotividade e maternidade. Lilith, ao contrário, é símbolo de liberdade, independência, igualdade, desejo, sensualidade, instintividade, opinião, rancor, vingança, inveja, solidão e morte.

Hoje, sabemos que a idéia de fraqueza natural da mulher – física ou psicológica – é discutível. No entanto, ambos os sexos desvalorizaram o feminino e sua dimensão mágico-mitológica; como as mulheres são muito mais identificadas com o feminino do que os homens, foram declaradas inferiores por discursos filosóficos e teológicos. Deixou-se de reconhecer, então, que cada sexo traz em si qualidades do sexo oposto. Como Jung assinalou, essa unidade entre

polaridades contém traços recessivos do sexo oposto – tanto psicológica como biologicamente.

No século XX, as mulheres efetivaram algumas conquistas sociais: acesso ao mercado de trabalho, controle da natalidade, direitos políticos, direito de participação em igrejas, direitos sexuais – como amor livre, divórcio, casamento aberto e, em alguns países, direito de aborto. Porém, toda mudança gera insegurança, e esta acaba por levar muitas mulheres a abrir mão de seu desenvolvimento verdadeiro e natural em prol de segurança e dos valores já conhecidos. Isso demonstra até que ponto é difícil romper com os nós de uma educação tradicional, pautada em valores patriarcais.

A pergunta que fica, então, é: tendo em vista as características desses mitos, qual é o modelo mitológico mais reproduzido pelas mulheres atualmente – Lilith ou Eva?

Para responder a essa questão, será feita uma releitura dos dois mitos, opondo o sentido de emancipação da mulher ancorado em Lilith, à idéia de mulher submissa e dependente refletida na figura de Eva. Dessa forma, tentaremos descobrir qual das duas personagens representa melhor as características femininas presentes nas mulheres da atualidade.

O capítulo 1 analisa amplamente o significado do termo mito, por meio da visão de quatro autores com enfoques distintos: psicológico, histórico, religioso e lingüístico.

A seguir, os capítulos 2 e 3 apresentam as figuras de Lilith e Eva como polaridades míticas, representando o lado escuro e o luminoso do feminino, dentro do modelo tradicional patriarcal.

Por último, o capítulo 4 analisa a fala de dez mulheres e sua identificação com os modelos mitológicos aqui abordados. Levando em consideração essa realidade e tendo os mitos de Lilith e de Eva como referência, tentaremos verificar como a mulher atual se posiciona no mundo quanto a atuação profissional, crenças, sexualidade e afetividade.

REVISITANDO OS MITOS

O que são mitos?

Normalmente, pensamos em mitos como histórias tradicionais que servem para explicar fenômenos da natureza ou crenças religiosas. No entanto, eles também podem descrever ou explicar a natureza fenomenológica da psique, mediante o uso da linguagem figurada e por meio dos sonhos, possibilitando maior conhecimento do eu interior. São como espelhos que refletem nossos problemas, angústias e dramas internos.

No *Grande dicionário Larousse cultural da língua portuguesa* (1999, p. 627), encontramos esta descrição de mito:

[...] Relato ou narrativa de origem remota de significação simbólica, que tem como personagens: deuses, seres sobrenaturais, fantasmas, entre outros. São considerados, ainda, uma narrativa de tempos fabulosos ou heróicos, lenda ou alegoria filosófica, podendo ser também a representação de fatos ou personagens reais, exagerados pela imaginação popular e tomados como modelo ou exemplo – algo que não existe na realidade, mas na fantasia.

Como nosso tema envolve dois mitos femininos, é de extrema importância que compreendamos melhor o assunto, o que faremos com base na opinião de quatro grandes mitólogos: Joseph Campbell, Junito de Souza Brandão, Mircea Eliade e Roland Barthes.

O mito segundo Joseph Campbell

Joseph Campbell considera o mito um canal por onde passam energias inesgotáveis do cosmo que se infiltram nas manifestações culturais humanas. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos surgem do círculo básico e mágico do mito (1997b, p. 15).

A eficácia da mitologia reside no fato de seus símbolos não serem inventados, e sim produções espontâneas da psique que carregam o poder criador de sua fonte. Essas figuras simbólicas ou *imagens arquetípicas* aparecem em dois momentos na dinâmica da psique: nos sonhos, em que as formas são distorcidas pelos problemas do indivíduo, e nos mitos, em que os problemas e as soluções são apresentados diretamente a toda a humanidade. Ou seja, “o mito é o sonho público, e o sonho é o mito privado” (Campbell, 1990, p. 42).

Os ritos de passagem estão representados na figura do herói ou da heroína, que podemos comparar com o homem ou a mulher que conseguiu vencer suas limitações e alcançou um resultado humano. Por isso, a figura do herói é uma fonte inesgotável em que o ser humano pode buscar inspiração para retornar renovado ao seu meio e ensinar o que aprendeu. Essa tarefa de autodescoberta é árdua e perigosa, mas possibilita uma vida rica.

A jornada do herói começa por um chamado de aventura ou uma crise pessoal, cujo mistério, ritual ou momento de passagem, ao ser completado, equivale a uma morte seguida de um nascimento. Esse *despertar do eu* possibilita ao indivíduo cruzar o horizonte familiar, deixando para trás velhos conceitos, ideais e padrões emocionais e atingindo um novo limiar.

A recusa do chamado (Campbell, 1997b, p. 67) – que acontece com maior frequência na vida real do que nos mitos e contos – con-